

Aparecido mostra Brasília a Roma

Ao discursar, ontem, no Palácio do Campidoglio, sede da Prefeitura de Roma, por ocasião da instalação do seminário de estudos que celebra o Jubileu de Prata de Brasília, quando foram homenageados Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, o governador José Aparecido afirmou que "o amor de Roma corre nas veias de Brasília". Ressaltou que o "retorno de Lúcio Costa e Niemeyer a Brasília é sinal do tempo inaugurado pela Nova República na cidade síntese do Brasil, ganha, dimensão internacional. O governador encerrou sua programação oficial ontem em Roma e segue para Paris, de férias até o dia 19, quando retornará ao Distrito Federal.

O presidente do Supremo Tribunal Federal Brasileiro, José Carlos Moreira Alves, o embaixador do Brasil em Roma, Ramiro Saraiva Guerreiro, o prefeito de Roma, Nicola Signorello — e outras altas autoridades assistiram a cerimônia, que foi realizada no Capitólio, sede da Prefeitura de Roma. O governador de Brasília recebeu das mãos de Signorello o prêmio Roma-Brasília Cidade de Paz, que foi concedido ao arquiteto Oscar Niemeyer pela construção de Brasília. "Ao conferir este prêmio ao arquiteto Oscar Niemeyer, autor dos principais edifícios de Brasília" — disse Aparecido, ao receber o prêmio. "O Capitólio" resalta, mais uma vez, o significado da capital de meu País, como centro de convergência e irradiação".

Após assinalar que Roma e Brasília nasceram no mesmo dia, 21 de abril, "a quase 2.700 anos de distância uma da outra", Aparecido afirmou que "Roma é o exemplo histórico de um País que não funda uma capital, pois é a capital que funda uma Nação". Acrescentou que "Brasília tornou realidade o desafio da edificação da capital sonhada desde os primórdios na Nação. A dimensão continental e a necessidade de reorganização demográfica inspiraram a busca permanente do coração do território, local em que se assentaria o caput idealizado na Nação emergente". O governador da capital brasileira recordou que ao longo da história, o Brasil teve outras capitais: — Salvador e Rio de

Janeiro, que responderam à exigências diferentes das atuais. Diante das novas exigências, assinalou "o País iria repousar a cabeça no centro de sua vasta superfície, ali demarcando o pólo de convergência e irradiação da alma brasileira".

José Aparecido recordou que a nova Capital "foi sugerida pelos primeiros desbravadores do sertão e imaginada pelos precursores da independência", e que "um filho da Itália, São João Bosco, profetizou que ali cresceria a capital do futuro Brasil, a esperança de um mundo renovado. E ele o padroeiro de Brasília". Sustentando que "a obra foi plantada pela obstinação criadora do presidente Juscelino Kubitschek". José Aparecido recordou que a Ermita de Dom Bosco, em Brasília, foi onde o presidente Tancredo Neves apareceu em público pela última vez, na tarde do dia 14 de março, vindo a morrer no dia 21 de abril, "dia das nossas capitais e da morte de Tiradentes, herói da liberdade no Brasil".

Aparecido acrescentou que "na aurora da retomada democrática, o Jubileu de Brasília foi marcado pelo sacrifício do fundador da Nova República, e só o equilíbrio, a seriedade e a competência do presidente José Sarney garantiram a implantação do projeto político de reconstrução nacional em curso na plena normalidade", após assinalar os vínculos de latinidade entre a Itália e o Brasil. O governador disse que "em frente ao meu gabinete de trabalho, no Palácio do Buriti, está um símbolo dessa união — a coluna romana que sustenta a Loba Capitolina". A coluna e a loba doadas a Brasília pela Prefeitura de Roma. Também foram indicadas como símbolo de união pelo prefeito Signorello, em seu discurso de abertura da cerimônia.

Aparecido, que condecorou Signorello com a Grande Cruz do Mérito de Brasília e doou a cidade de Roma uma cópia da escultura dos "Dois Candangos" obra de Bruno Giorgi e "testemunho da integração Italo-Brasileira", anunciou que Brasília hospedará, entre abril e junho de 1987, a Primeira Trienal de Arte das Américas.